



137

PRAGMATISMO: A CONEXÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Doutor/Ph.D. Octavio Ribeiro de Mendonça Neto [ORCID iD](#), Doutor/Ph.D. José Carlos Tiomatsu Oyadomari [ORCID iD](#), Doutor/Ph.D. Ronaldo Gomes Dultra-de-Lima [ORCID iD](#)

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brazil

Doutor/Ph.D. Octavio Ribeiro de Mendonça Neto

[0000-0002-6123-6733](tel:0000-0002-6123-6733)

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós Graduação em Controladoria e Finanças Empresariais

Doutor/Ph.D. José Carlos Tiomatsu Oyadomari

[0000-0003-3059-3102](tel:0000-0003-3059-3102)

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós Graduação em Controladoria e Finanças Empresariais

Doutor/Ph.D. Ronaldo Gomes Dultra-de-Lima

[0000-0001-8009-0963](tel:0000-0001-8009-0963)

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós Graduação em Controladoria e Finanças Empresariais

Resumo/Abstract

Diante das críticas recorrentes ao distanciamento entre a pesquisa acadêmica e as necessidades emanadas da prática profissional, a abordagem intervencionista tem sido entendida como uma das alternativas que pode mitigar esse distanciamento e produzir resultados relevantes para a prática profissional. Alguns modelos foram desenvolvidos para a realização de pesquisas intervencionista que, embora úteis, não possuem a abrangência do método pragmático. Nesse sentido, o objetivo desse ensaio é, através de uma análise crítica, provocar uma reflexão sobre a utilização desse método nas pesquisas da área de Contabilidade e Gestão para a solução de problemas complexos relacionados à prática profissional. De particular interesse para as pesquisas no campo contábil e organizacional, notadamente aquelas de caráter intervencionista, é a utilização do raciocínio abduutivo na formulação de hipóteses alternativas e provisórias no decorrer do processo do Inquiry, hipóteses essas que, evidentemente, deverão ser posteriormente testadas com o rigor científico necessário. Formular hipóteses unicamente fundamentadas na literatura significa ignorar o conhecimento adquirido na vivência profissional e limitar a geração de conhecimento.

Modalidade/Type



Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

Educação e Pesquisa em Contabilidade (EPC) / Accounting Education and Research

PRAGMATISMO: A CONEXÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

RESUMO

Diante das críticas recorrentes ao distanciamento entre a pesquisa acadêmica e as necessidades emanadas da prática profissional, a abordagem intervencionista tem sido entendida como uma das alternativas que pode mitigar esse distanciamento e produzir resultados relevantes para a prática profissional. Alguns modelos foram desenvolvidos para a realização de pesquisas intervencionista que, embora úteis, não possuem a abrangência do método pragmático. Nesse sentido, o objetivo desse ensaio é, através de uma análise crítica, provocar uma reflexão sobre a utilização desse método nas pesquisas da área de Contabilidade e Gestão para a solução de problemas complexos relacionados à prática profissional. De particular interesse para as pesquisas no campo contábil e organizacional, notadamente aquelas de caráter intervencionista, é a utilização do raciocínio abduutivo na formulação de hipóteses alternativas e provisórias no decorrer do processo do Inquiry, hipóteses essas que, evidentemente, deverão ser posteriormente testadas com o rigor científico necessário. Formular hipóteses unicamente fundamentadas na literatura significa ignorar o conhecimento adquirido na vivência profissional e limitar a geração de conhecimento.

Palavras-chave: Pragmatismo. Inquiry. Abdução.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse ensaio é refletir sobre a utilização do pragmatismo como método de pesquisa na área de Contabilidade e Gestão, mais especificamente naquelas pesquisas que adotam uma perspectiva intervencionista focada na solução de problemas relacionados à prática profissional. O Pragmatismo, pelo menos na sua vertente inicial desenvolvida por Charles Pierce, não é uma teoria e sim um método (Waal, 2007, p.22) que “[...] desenha uma conexão íntima entre teoria e prática, entre pensamento e ação.” (Waal, 2007, p.18), segundo a sugestão de Buch & Elkjær (2019, p.1), deve ser incluído no “[...] kit de ferramentas dos estudos baseados na prática das organizações.”

Essa reflexão faz-se necessária diante das críticas recorrentes ao distanciamento entre a pesquisa acadêmica e as necessidades emanadas da prática profissional, exaustivamente discutidas na literatura (Granlund & Lukka, 1998; Granlund, 2001; Hansen, Otley & Van der Stede, 2003; Baldvinsdottir; Mitchell & Nørreklit, 2010).

Diante desse contexto, a abordagem intervencionista, tem sido entendida como uma das alternativas que pode mitigar esse distanciamento e produzir resultados relevantes para a prática profissional, (Jönsson, S.& Lukka, K., 2007; Jönsson, 2010). Todavia, cabe ressaltar que para tanto, é necessário aceitar que os objetos de estudo possam ser afetados pelos próprios estudos (Jönsson, 2010), o que implica no abandono do paradigma da neutralidade do pesquisador segundo o qual ele deve atuar como mero observador, paradigma esse tão arraigado na pesquisa positivista. Na pesquisa intervencionista o pesquisador age e a teoria é construída na ação em uma estreita colaboração com os práticos (Jönsson & Lukka, 2007; Suomala & Yrjänäinen, 2012; Yrjänäinen, Suomala, Laine & Mitchell 2018), de forma muito semelhante à abordagem do engaged scholarship proposta por Van de Ven (2010).

Alguns modelos foram desenvolvidos para a realização de pesquisas intervencionista (Nonaka, Konno & Toyama, 2001; Labro & Tuomela, 2003; Suomala & Yrjänäinen, 2012) que embora úteis, não possuem a abrangência do método pragmático, notadamente no que se refere ao Inquiry (cuja significado será apresentado na sequência desse texto) e à utilização da abdução na formulação de hipóteses provisórias, conforme Lorino (2018).

2 THE METAPHYSICAL CLUB E A MÁXIMA PRAGMÁTICA – AS ORIGENS.

O pragmatismo teve sua origem nas reuniões do Metaphysical Club fundado em Cambridge no início da década de 1870 (Waal, 2007; Lorino, 2018) das quais participavam entre outros Willian James, Charles Sanders Pierce, Oliver Wendell Jr, Nicholas St John Green, Joseph Bangs Warner , Jonh Fisk, Francis Ellingwood Abbot e Chauncey Wright (Menand, 2002, p.201) que, segundo Lorino (2018, p.1), embora não tivessem formação acadêmica em filosofia pretendiam não só questionar a filosofia tradicional europeia, mas criar uma nova baseada na experiência de vida, em contraposição ao idealismo cartesiano calcado no dualismo, no representacionismo, e na abstração da experiência. (Lorino, 2018, p.x do prefácio).

De acordo com Waal (2007), o tema central das discussões do clube girava em torno do conceito de crença formulado por Alexander Bain em *The Emotions and the Will* publicado em 1859, segundo o qual crença é “aquilo sobre o qual o homem está preparado para agir” (Bain, 1859 como citado em Waal, 2007, p. 17 e Engel, 2005, p.168).

A importância desse conceito de Bain para o pragmatismo decorre do fato dele definir crença em função dos seus efeitos sobre nossas ações, sem se preocupar com suas causas e nem em caracterizá-la como um sentimento (Engel, 2005, p.169). Ainda segundo o autor, é esse o espírito da máxima pragmática de Pierce (1878), que define o que é a concepção (conceito), e que é enunciado como segue:

“Considere quais efeitos que poderiam concebivelmente ter consequências práticas concebemos que tenha o objeto de nossa concepção. Então, nossa concepção desses efeitos é toda nossa concepção do objeto.” (Pierce, 1878, p. 293)”

Dessa forma, continua Engel (2005, p 168) a máxima pragmática é um método de clarificação de proposições, ou seja, um método para listar as consequências práticas que esperamos que a proposição tenha se for verdadeira. Nesse sentido, as proposições que têm significado são aquelas cujos efeitos podem ser apontados. Portanto, ao menos nessa fase inicial, o pragmatismo é um método e não uma teoria filosófica, mais especificamente, um método para determinar o significado dos conceitos, ou como denomina Waal (2007, p.18), um critério de significação. Em sendo assim, para Pierce e por extensão para o pragmatismo, só tem significado os conceitos que têm implicação prática, uma vez que são essas implicações práticas que dão significado ao conceito, ou seja, de acordo com essa visão pragmática, um conceito que não tem implicações práticas concebíveis, não é um conceito. Essa visão de Pierce do pragmatismo foi posteriormente ampliada por Willian James, Ferdinand Schiller e outros que os seguiram e que a transformaram em uma teoria da verdade. (Waal, 2007, p.18). Todavia, essa visão ampliada do pragmatismo nunca foi partilhada por Pierce, para ele o pragmatismo é um critério de significação e, conforme observa Waal, 2007, p. 23) a teoria pragmática da verdade nada mais seria do que o resultado da aplicação do critério pragmático ao conceito de verdade. A partir de então várias vertentes surgiram e vão desde o instrumentalismo de John Dewey até a as abordagens contemporâneas representadas por Richard Rorty e Susan Haack. (Waal, 2007, p.14).

Lorino (2018, p.3) observa que os historiadores do pragmatismo citam diversos fatores que podem ter favorecido seu surgimento nos Estados Unidos no final do século XIX e, dentre eles, destaca a publicação em 1859 da obra de Darwin – *On the Origin of Species*; a Guerra da Secessão (1861 – 1865) e o impacto social do rápido desenvolvimento econômico e industrial que caracterizou essa época da história dos Estados Unidos. Com relação à obra de Darwin, o autor salienta que ela constituiu um fator decisivo para os pragmáticos questionarem a visão idealista da vida e da natureza focada na estabilidade e na permanência, e se alinharem com a abordagem da dinâmica do evolucionismo. Já no que se refere à Guerra da Secessão, o autor observa que alguns membros do clube participaram dela ativamente e tiveram uma experiência traumática que os levou a desacreditar nas crenças e premissas que caracterizaram a vida

intelectual na época que a precedeu. Em termos da experiência social vivenciada pelos Estados Unidos no século XIX, Lorino (2018) ressalta que a acelerada expansão econômica que caracterizou essa época transformou o país em um novo poder internacional, com o Partido Republicano protegendo e promovendo o capitalismo industrial e a forma de vida dele decorrente, o que levaria Dewey a comentar mais tarde que “[...] é fora de dúvida que o caráter progressista e instável da vida e da civilização americana facilitou o nascimento da filosofia que enxerga o mundo como estando em formação contínua, onde há lugar para o indeterminismo, para o novo, e para um futuro real.” (Dewey, 1925 como citado em Lorino, 2018, p. 9).

3 A ABORDAGEM PROCESSUAL DO PRAGMATISMO.

Ao contrário da visão cartesiana que estabelece que para encontrar a verdade tudo deve ser colocado em dúvida, de forma individual e isolada do mundo material e social, na visão de Pierce, conforme colocam Simpson & Lorino (2016, p.54) a dúvida surge quando “[...] nossas ações encontram alguma forma de resistência, e isso pode ser resolvido através da reconstrução dos significados seja de cada um, seja da situação, ou melhor da relação entre eles.” A essa atividade reconstrutiva, continuam os autores, Pierce denomina Inquiry. Aqui cabe observar que Cassiano Terra Rodrigues, tradutor da obra de Waal (2007) traduz Inquiry por inquirição para ressaltar a diferença de seu significado do significado de Investigation, que traduz por investigação, uma vez que nesse caso, pressupõe-se uma busca determinada, enquanto o Inquiry é uma atividade aberta que não pressupõe a busca de algo definido. Waal (2007, p. 22).

Não pretendemos neste texto, curto por sua natureza, refletir sobre todos os aspectos e vertentes da abordagem pragmática. Da mesma forma que Simpson & Lorino (2016), vamos nos limitar aqui aos aspectos, a nosso ver, mais úteis para a pesquisa relacionada aos estudos organizacionais, a saber, Habit, Inquiry e Conversational trans-action. Na sequência, em um item a parte, tratamos da abdução (abduction) e de sua utilidade para a formulação de hipóteses.

3.1 Habit

Para os pragmáticos, a linguagem da ação é a linguagem dos hábitos, observa Lorino (2018, p. 73) e, continua, a teoria pragmática dos hábitos conceitua hábitos como classes de ações baseadas na experiência com características disposicionais e sociais e não com características comportamentais. Na visão de Dewey (1922) “A essência do hábito é uma predisposição adquirida para formas e modos de respostas.” (Dewey 1922, conforme citado por Lorino, 2018, p.72).

No campo dos estudos organizacionais Lorino (2018, p.75) observa que o hábito é normalmente entendido como uma conduta individual, enquanto as rotinas são entendidas como fenômenos organizacionais, o que contrasta com o entendimento pragmático de que o hábito não é um padrão subjetivo e individual de ação, mas um padrão social e cultural de ação e dessa forma “[...] questiona a dicotomia teoria / prática.”

Simpson & Lorino (2016, p.61) observam que na visão de Dewey os hábitos são adquiridos e continuamente modificados através da experiência, mas nunca determinam completamente o curso das ações. Essa visão, conforme salientam os autores, é compartilhada por acadêmicos contemporâneos, como é o caso de Bourdieu, para quem o hábito (habitus) “[...] é um sistema de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais.” (Socha, 2008) que surge, conforme Setton (2002, p.73), como uma forma de unir a realidade individual com a realidade externa, e a interação entre o objetivo e o subjetivo.

Essa visão pragmática de habit, aparece com alguma frequência na literatura relacionada aos estudos organizacionais, principalmente naqueles com foco no campo das rotinas, conforme

pode-se observar em Feldman, M. (2000), Feldman & Pentland (2003); Pentland, B. and Feldman, M. (2005), Cohen, (2007). Winter, S. (2013), Simpson & Lorino (2016), entre outros.

3.2 Inquiry

No item anterior, habitat foi apresentado como a linguagem da ação e, nesse sentido, conforme afirma Lorino (2018, p.94) seria, do ponto de vista pragmático, considerar os hábitos como entidades estáticas e, em sendo assim, os pragmáticos desenvolveram um conceito complementar que é o conceito de Inquiry que, ainda de acordo com Lorino (2018, p.94) “[...] é o processo social através do qual os hábitos são transformados, adaptados, abandonados ou reinventados, [...]”. Em outro texto Lorino define o Inquiry como sendo o processo de mobilização e adaptação ao novo e ao emergente (Lorino, Tricard, & Clot, 2011).

Conforme observam Simpson & Lorino (2016, p.63), na visão de Dewey, o Inquiry é um processo que transforma uma situação indeterminada em outra que é suficientemente unificada para que um curso de ação coerente possa ser antecipado. Todavia, observam esses mesmos autores, o inquiry nem sempre é visível e nem sempre envolve uma ruptura perceptível nos hábitos.

Ainda segundo esses autores o Inquiry não começa com um problema estruturado que precisa ser resolvido. O processo do Inquiry se desenvolve como segue. A primeira fase se constitui na transformação de uma dificuldade percebida em um problema a ser resolvido. Uma vez que o problema foi construído, sua resolução é buscada envolvendo lógicas abduativas, dedutivas e indutivas (Lorino, Tricard, & Clot, 2011). Uma hipótese verossímil é abduativamente construída para tornar inteligível a dificuldade percebida. Em seguida essa hipótese é traduzida em proposições testáveis mediante um raciocínio dedutivo e, finalmente, mediante o raciocínio indutivo é desenvolvido um protocolo para testar essas proposições. Dessa forma, concluem os autores, “Todo o raciocínio do Inquiry é expresso por meio de experimentação em que pensar e agir são dinâmicas simultâneas e confluentes.” (Simpson & Lorino, 2016, p.67).

Ao tratar da epistemologia fundacional – coerentista de Susan Haack, por ele considerada como herdeira direta de Pierce, Waal (2007, p.226), observa que o Inquiry é o ponto central do pensamento de Haack e que ela sustenta que há padrões centrais para que ele seja adequadamente conduzido. Nesse particular, observa Waal (2007, p.227) o Inquiry bem conduzido é aquele onde o pesquisador está interessado em descobrir como as coisas realmente são, e chama a atenção para aquilo que Haack (2011) denomina de pseudo-inquiry que, de acordo com ela, pode assumir duas formas distintas, o sham reasoning (raciocínio fingido) e o fake reasoning (raciocínio falso). No primeiro caso, sham reasoning, o pesquisador não procura descobrir como as coisas são, apenas busca argumentos para tentar justificar uma proposição já por ele aceita e não negociável (Haack, 2011, p.59), seja por interesses de ordem ideológica, seja para satisfazer interesses comerciais dos financiadores da sua pesquisa, ou ainda para defender crenças que lhe são muito queridas (Waal, 2007, p. 228). Nesse caso, o pesquisador procurará ajustar os seus achados empíricos aos seus interesses pessoais. Já no segundo caso, fake reasoning, o pesquisador nem está interessado em conhecer as coisas como são e nem em defender alguma crença ou ideologia que lhe é cara, mas é movido apenas pelo desejo de se promover, da fama, da notoriedade e mesmo de ganhar dinheiro ou ser promovido em sua carreira acadêmica, o que na visão de Haack (2011) pode ser obtido através defesa hábil de uma ideia falsa ou obscura. Nesse caso o objetivo não é o conhecimento, mas escrever um livro ou artigo engenhoso e esteticamente agradável (Waal, 2007, p.228) mas, objeta Haack (2013, p.29) “[...] nenhuma empreitada – nem mesmo uma empresa de relações públicas ou de publicidade – pode atuar no ramo de simplesmente se promover. Alguém tem realmente que produzir os bens ou os serviços que estão sendo propagandeados. Na academia, esse é nosso trabalho.”

Continuando ainda com a visão de Haack, Waal (2007, p.225) observa que a autora utiliza a analogia das palavras cruzadas para explicar como o conhecimento é adquirido. Segundo ela, o quanto uma entrada nas palavras cruzadas é adequada, depende de quanto ela é amparada pelas informações disponibilizadas e pelas entradas já interseccionadas, de quanto aquelas entradas são razoáveis, independentemente da palavra em questão e de quanto o jogo já foi completado. Da mesma forma, o conhecimento vai sendo gerado a partir de evidências plausíveis que dependem das várias evidências já interseccionadas, de quanto elas são razoáveis e de quanto o total já foi completado, ou seja, o objetivo do Inquiry não é uma conclusão isolada, mas ter partes importantes preenchidas, como nas palavras cruzadas.

3.3 Conversational trans-action

De acordo com Lorino (2018, p.124), os estudos que analisam como as dimensões social e organizacional de um fenômeno são produzidas, se alternam entre o individualismo e o holismo. No primeiro caso, a sociabilidade é baseada na agregação de processos individuais e subjetivos de pensamentos e ações, enquanto no segundo caso os fenômenos sociais e organizacionais são autônomos e os comportamentos individuais devem ser restringidos por normas sociais e organizacionais. A relação entre esses níveis, micro e macro, continua o autor, tem preocupado os pesquisadores da área organizacional, mas, segundo o autor, não tem produzido resultados satisfatórios. O pragmatismo rejeita esse dualismo e oferece uma alternativa “[...] focando a sociabilidade como uma atividade contínua em andamento.” (Lorino, 2018, p.133). Nessa visão a sociabilidade é uma construção relacional, temporal e situada que não requer nenhum acordo prévio entre os atores. De acordo com essa abordagem, o processo trans-acional não tem um sentido individualista nem holístico, mas de uma contínua troca entre hábitos, crenças, atos e discursos. (Lorino, 2018, p.143).

Para explicar essa integração de temporalidade e sociabilidade, Lorino (2018, p.150) recorre a teoria dos signos de Pierce observando que o significado de A não é acessível através de um signo B, mas através da relação social entre B e C, e exemplifica colocando a seguinte situação: Imaginemos que um gestor diga “Parabéns” para um subordinado que cometeu um erro. Evidentemente os parabéns nesse contexto não tem o mesmo significado que consta do dicionário, mas sim do seu oposto e socialmente remete a um conflito. O signo também expressa um movimento temporal, porque a relação entre B e C também é uma relação temporal. C pode ser o passado e /ou o futuro de B. No exemplo, o parabéns remete à memória do subordinado um erro recente que ele cometeu e antecipa suas possíveis consequências (advertência, perda do bônus etc.).

O conceito de trans-action tem implicações metodológicas na medida em que o observador participa da situação trans-acional, não há observação externa, não há neutralidade do observador, não existe a dualidade entre atores e pesquisadores, todos os participantes da pesquisa, juntos e ao mesmo tempo, transformam a situação e produzem novas competências, são todos inquirers. (Lorino, Tricard, & Clot, 2011).

Já para os estudos organizacionais, essa abordagem, conforme destaca Lorino (2018, p.152), pode trazer contribuições relevantes nos casos de mudança estratégica e na perspectiva de estratégia como prática uma vez que, ao adotar uma visão dinâmica e integrativa, ajuda no entendimento da situação em mudança. Ainda segundo o autor, esse conceito de trans-action inquiry também pode contribuir para os estudos relacionados a governança corporativa ao enxergar os stakeholders não como dados, mas como um processo de construção em andamento, que redefine continuamente os interesses dos envolvidos, perspectiva essa mais adequada à complexidade atual do mundo dos negócios.

4 ABDUÇÃO

De acordo com Douven (2021), o termo “abdução” é usado em dois sentidos relacionados, mas diferentes. No primeiro sentido historicamente, refere-se ao lugar do raciocínio explicativo na geração de hipóteses, enquanto no segundo, de uso mais frequente na literatura moderna, refere-se ao lugar do raciocínio explicativo na justificação de hipóteses e denominado de “inferência para a melhor explicação”. Mais formalmente, o raciocínio abduativo estabelece que: dada a evidência E e as explicações candidatas H1, ..., Hn de E, infere-se a verdade daquela Hi que melhor explica E.

Conforme Lorino (2018, p.189) o conceito de Abdução foi inicialmente concebido por Pierce como um conceito lógico e posteriormente ampliado por ele como um modelo epistemológico que constitui o primeiro passo do Inquiry. Nesse sentido, o papel da abdução é encontrar novas respostas para as dúvidas que desencadearam o Inquiry, ou seja, construir hipóteses sobre uma situação duvidosa, e que pode ser caracterizada em um contexto da prática organizacional como “[...] um esforço coletivo para imaginar formas de ação e diferentes habits para o futuro.” (Lorino, 2018, p.189).

No entender do autor, o raciocínio abduativo é uma forma útil de reflexão metodológica que tem sido muito pouco usada no contexto dos estudos organizacionais, e que é particularmente útil em situações de dificuldades em encontrar explicações plausíveis sobre o significado de evidências fragmentadas.

Se referindo a Pierce, o autor observa que a Abdução é o tipo de raciocínio que, em um contexto de ambiguidades, desafia as interpretações habituais remontando fatos inexplicados em hipóteses plausíveis e ilustra o raciocínio abduativo comparando-o aos contos de Sherlock Holmes, onde a causa é inferida a partir de seus efeitos. O raciocínio se inicia com uma observação, em seguida envolve uma regra já existente e na sequência propõe uma hipótese explicativa que caracteriza a observação como uma consequência daquela regra. Observa ainda que “[...] Sherlock Holmes denominava esse processo como “raciocinando para trás” (reasoning backward) o que está próximo da primeira denominação que Pierce deu para abdução: retro-deduction.” (Lorino, 2018, p.192). Ressalta contudo o autor que a abdução, da mesma forma que a indução, é falível e que, portanto, suas conclusões podem ser falsas enquanto a premissa é verdadeira e nesse sentido a abdução pode ser considerada como a explicação mais plausível que novos fatos poderão invalidar.

Nesse contexto, observam Ketokivi & Mantere (2021, p.7), do ponto de vista estritamente lógico, no raciocínio abduativo a conclusão não é A, mas a assertiva de que há razões para suspeitar que A é verdadeira. Ainda segundo os autores, a construção de explicações e interpretações envolve o raciocínio abduativo, o qual, ao contrário da dedução e da indução, não é uma atividade computacional ou algorítmica, mas cognitiva, que vai além das evidências. Envolve a escolha entre explicações alternativas e, o que é muito importante, salientam os autores, essa escolha não é guiada pelos dados, mas pelos princípios da comunidade científica onde o argumento está sendo apresentado (parcimônia, formalização, análise quantitativa, ou descrição, nuance, interpretação de um contexto específico).

Kump (2021) por sua vez, em um estudo em que defende o uso da intuição nas pesquisas organizacionais, observa que a reivindicação para a aceitação do uso da intuição na realização de pesquisas está ligada a discussão sobre a aceitação da abdução. A autora define intuição, a partir de um consenso mínimo dos pesquisadores da área, como sendo “[...] um processo rápido e espontâneo que não segue as regras da lógica; em contraste com um resultado derivado analiticamente, um resultado intuitivo é tácito e holístico, e os intuidores se sentem confiantes sobre isso, apesar da falta de evidências.” (Kump, 2021, p.3)

Embora reconheça que Pierce tenha negado a relevância da intuição, a autora observa que muitos pesquisadores, com os quais ela e nós nos alinhamos, argumentaram que abdução, também no sentido de Peirce, envolve intuição quando se trata de descobrir padrões e derivar explicações de dados. Ainda de acordo com a autora, tanto aqueles pesquisadores que veem a pesquisa como um ofício e enfatizam a reflexividade como aqueles que destacam a relevância da abdução na pesquisa vêm insistindo na necessidade do reconhecimento da intuição dos pesquisadores em pesquisas organizacionais. (Kump, 2021, p.3)

Todavia, é evidente que para garantir o rigor científico, tanto os resultados obtidos através da intuição como as hipóteses formuladas a partir da abdução devem ser validados. Já a forma de validação depende do design da pesquisa.

5 AS CRÍTICAS AO PRAGMATISMO

Conforme observa Waal (2007, p 21 - 22), a grande parte das críticas ao pragmatismo estão calcadas na sua origem e o classificam como um produto do capitalismo americano, de uma cultura onde o que não gera benefício material não tem sentido, onde uma coisa é verdadeira quando acreditar nela traz alguma vantagem. Cabendo lembrar aqui, como o faz Lorino (2018, p. 4), que o pragmatismo surge em um momento em que rápida expansão da economia americana estava transformando a nação em um poder internacional que já apresentava características imperialistas com a anexação de boa parte do território Mexicano após a guerra de 1847.

Waal (2007, p 21) cita Bertrand Russel como um dos primeiros críticos do pragmatismo, especialmente no que se refere ao seu critério de verdade. Ao se referir a esse critério que estabelece que a utilidade é o critério de verdade, Russel (1910, p.148) observa que esse não é um critério útil, porque, segundo ele, é mais difícil saber se uma crença é útil do que saber se é verdadeira e, além disso, acrescenta que não há nenhuma razão que estabeleça a priori que verdade e utilidade devam andar juntas.

Outro crítico do Pragmatismo é Max Horkheimer, membro da Escola de Frankfurt e criador da Teoria Crítica. Em sua obra *Eclipse da Razão*, Horkheimer (1976, p.51) observa que o pragmatismo é “[...] uma doutrina que sustenta não que as nossas expectativas se realizam e que nossas ações são bem-sucedidas porque nossas ideias são verdadeiras, mas o contrário, de que nossas ideias são verdadeiras porque nossas expectativas se cumprem e nossas ações têm sucesso.” e continua salientando que o pragmatismo substituiu o exame contemplativo da vida e a análise do passado por uma visão das possibilidades futuras e conclui “ Tanto o ataque à contemplação quanto o louvor da perícia técnica expressam o triunfo dos meios sobre os fins.”, e , dessa forma, conforme observa Mendonça (2013, p. 367) , Horkheimer, “[...] associou o pragmatismo ao positivismo, na medida em que, na visão dele ambas as perspectivas julgariam que a tarefa da ciência [era] a previsão e a utilidade dos resultados.” Horkheimer (2008, p. 156) em sua crítica ao pragmatismo observa ainda que a visão pragmatista da verdade está ligada à confiança no mundo existente manifestando assim, implicitamente, credo na estabilidade e nos méritos do livre mercado.

Todavia, continua Mendonça (2013) a posição crítica da Escola de Frankfurt em relação ao pragmatismo não foi uma unanimidade e a partir das sucessivas revisões pelas quais passou a teoria crítica, o pragmatismo foi fundamental para a discussão sobre democracia, graças aos trabalhos de Habermas e a Honnet que conduzem a “[...]um modelo democrático radical, capaz de ultrapassar o foco no funcionamento institucional das formas de governo e propor uma leitura abrangente sobre o modo como uma coletividade se transforma consciente e politicamente.” (Mendonça, 2013, p.400).

Finalmente, sem esgotar o assunto, cabe mencionar ainda a crítica interessante e pertinente elaborada por Meneghetti (2007) que endossamos. Nesse trabalho perspicaz e ainda

atual, o autor analisa as contribuições do pragmatismo nos estudos organizacionais onde, sem ignorar as críticas ao pragmatismo, não considera correto acusá-lo de falta de comprometimento com as transformações sociais. Observa, contudo, que “[...]o que ocorre nos estudos organizacionais é a conversão do pragmatismo como conhecimento científico em subordinação irracional à utilidade e à ação prática no campo da economia, da política, da ciência, da cultura, da educação, e assim por diante.” (Meneghetti, 2007, p. 11). A necessidade premente de produção acadêmica pelos pesquisadores causada pelos critérios de calculabilidade utilizados na avaliação de desempenho deles é, na visão do autor, um dos problemas a ser revisto, problema esse apontado em 2007, e ainda não resolvido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio buscou discutir a contribuição do pragmatismo para os estudos organizacionais. Deve ficar claro que essa discussão está focada na sua utilidade como método de pesquisa e não como uma teoria da verdade, mesmo porque, para tanto, falta-nos competência.

Não propugnamos aqui o abandono das metodologias tradicionais que têm contribuído de forma indiscutível para o avanço do conhecimento, mas que, todavia, tem falhado na descrição, explicação e solução de problemas práticos complexos. (Bartle & Shields, 2008; Van de Vem, 2010; Lorino, 2018; Kaushik & Walsh, 2019). O que advogamos é uma reflexão sobre utilização da abordagem metodológica do pragmatismo nas pesquisas relacionadas a problemas complexos, que no dizer de Van de Vem (2010, p. IX) “[...] muitas vezes excedem nossas habilidades limitadas de estudar por conta própria.”, e envolvem pesquisas que normalmente têm um caráter intervencionista e/ou de engaged scholarship. Nesse sentido nos alinhamos a visão de Cavalcanti & Alcadipani (2011, p.578) que procura resgatar elementos pragmáticos presentes nas obras de Foucault e Deleuze, e defendem a abordagem crítica pós-estruturalista, da mesma forma que defendemos o método pragmático, ou seja, como “[...] uma alternativa que procura não esmagar as singularidades com as totalizações, ou sufoca-las com universalismos, mas que é capaz de problematizar o presente que é o que de fato se faz no dia – a – dia.”

De particular interesse para as pesquisas no campo organizacional, notadamente aquelas de caráter intervencionista, é a utilização do raciocínio abduutivo na formulação de hipóteses alternativas no decorrer do processo do Inquiry, hipóteses essas que, evidentemente, deverão posteriormente serem testadas com o rigor científico necessário. Formular hipóteses unicamente fundamentadas na literatura significa ignorar o conhecimento prático adquirido na vivência profissional e limitar a geração de conhecimento uma vez que, confirmadas essas hipóteses, a maior parte do conhecimento que seria gerado já está contido na literatura na qual se fundamentaram.

Concluindo, entendemos que a abordagem pragmática e, particularmente o raciocínio abduutivo na formulação de hipóteses, podem ser legitimamente incluídos como um método válido para o desenvolvimento de estudos organizacionais, desde que processo de pesquisa tenha sido desenhado de forma que os seus resultados sejam posteriormente validados por meio de procedimentos analíticos rigorosos.

REFERÊNCIAS

Baldvinsdottir, G., Mitchell, F. & Nørreklit, H. (2010) Issues in the relationship between theory and practice in management accounting. *Management Accounting Research*, 21, 79 – 82. Ou

- Bartle, J. R. & Shields, P. (2008). Applying pragmatism to public budgeting and financial management. Association for Budgeting and Financial Management Conference, pp. 1 – 15.
- Buch, A. & Elkjær, B. (2019). Pragmatism and practice theory: convergences or collisions. *Caderno de Administração, Maringá*, 27(2), 1 – 17.
- Cavalcanti, M. F. R. & Alcadipan, R. (2011). Em defesa de uma crítica organizacional pós-estruturalista: recuperando o pragmatismo foucaultiano-deleuziano. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 12 (4) pp. 557 – 582.
- Cohen, M. (2007). Reading Dewey: Reflections on the study of routines. *Organization Studies*, 28,773-87.
- Engel, P. (2005). Belief as a Disposition to act: variations on a pragmatist theme. *Cognitio*, 6(2), 167 – 185.
- Douven, I. (2021). Abduction. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Zalta, E. N. (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2021/entries/abduction/>>.
- Feldman, M. (2000). Organizational routines as a source of continuous change. *Organization Science*, 11, 611-629
- Feldman, M. and Pentland, B. (2003). Reconceptualizing organizational routines as a source of flexibility and change. *Administrative Science Quarterly*, 48: 94-118.
- Granlund, M. & Lukka, K. (1998). It's a Small World of Management Accounting Practices. *Journal of Management Accounting Research*, 10, 153 – 179.
- Granlund, M. (2001) Towards explaining stability in and around management accounting systems. *Management Accounting Research*, 12(2), 141 – 166.
- Haack, S. (2011). Confissões de uma Purista Antiquada. in: *Manifesto de uma Moderada Apaixonada – ensaios contra a moda irracionalista*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2011.
- _____ (2013). Fora de sintonia: a ética acadêmica em um ambiente prepostero. *Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos*, 2(3), pp. 1 – 29
- Hansen, S. C.; Otley, D. T. & Van Der Stede, W. A. (2003) Practice development in budgeting: an overview and research perspective. *Journal of Management Accounting Research*, 15, 96 – 116.
- Horkheimer, M. (1976). *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil S. A.
- Jönsson, S. (2010) Interventionism – an approach for the future? *Qualitative Research in Accounting & Management*, 7(1), 124 – 134.
- _____ (2008). *Teoria crítica I*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Jönsson, S. & Lukka, K. (2007) There and Back again: Doing interventionist research in Management Accounting. Chapman, C.S.; Hopwood, A.G.; Shields, M.D. *Handbook of Management Accounting Research*, Vol. 1, pp. 373 – 397
- Kaushik, V. & Walsh, C. A. (2019). Pragmatism as a research paradigm and its implications for social work research. *Social Sciences*, 8(9), 255 (article number)
- Ketokivi M. & Mantere S. (2021). What warrants a claim? A methodological evaluation of argument structure. *Journal of Operations Management*, in press. Online Version of Record before inclusion in an issue, pp. 1 – 21.
- Kump, B. (2021). No need to hide: Acknowledging the researcher's intuition in empirical organizational research. *Human Relations*. Online Version of Record before inclusion in an issue, pp. 1 – 20.
- Labro, E. & Tuomela, T. (2003). On bringing more action into management accounting research: process considerations based on two constructive case studies. *European Accounting Review*, 12 (3), 409 – 442.

Lorino, P., Tricard, B. and Clot, Y. (2011). Research methods for non-representational approaches to organizational complexity: The dialogical mediated inquiry. *Organization Studies*, 32(6), 769 – 801.

Lorino, P. (2018). *Pragmatism and Organization Studies*. New York: Oxford University Press

Menand, L. (2002). *The Metaphysical Club – A story of ideas in America*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

Mendonça, R. F. (2013). Teorias críticas e pragmatismo: a contribuição de G. H. Mead para as renovações da escola de Frankfurt. *Lua Nova, São Paulo*, 90, pp.367 – 403.

Meneghetti, F. K. (2007) Pragmatismo e os pragmáticos nos estudos organizacionais. *Cadernos EBAPE.BR*, 5(1), pp. 1 – 13.

Nonaka, I., Konno, N. and Toyama, R. (2001). Emergence of ‘Ba’: a conceptual framework for the continuous and self-transcending process of knowledge creation, in Nonaka, I. & Nishiguchi, T. (Eds), *Knowledge Emergence: Social, Technical, and Evolutionary Dimensions of Knowledge Creation*, Oxford, pp.13 – 29

Peirce, C. S. (1878) How to make our ideas clear. *Popular Science Monthly*, 12, 286 – 302.

Pentland, B. & Feldman, M. (2005). Organizational routines as a unit of analysis. *Industrial*

and Corporate Change, 14(5): 793-815.

Russel, B (1910). *Philosophical Essays*. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em <http://bertrandrussellsocietylibrary.org/br-pe/br-pe.html>

Setton, M. G. J. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, 20.

Simpson, B. & Lorino, P (2016). Re-Viewing Routines through a Pragmatist Lens. *Perspectives on Process Organization Studies*, 6, 47 – 70.

Socha, E (2008). Pequeno glossário da teoria de Bourdieu. *Revista Cult*, 128.

Suomala, P. & Yrjänäinen, J. L. (2012). *Management accounting research in practice*. New York: Routledge.

Van de Ven, A. H. (2010). *Engaged Scholarship – A guide for organizational and social research*. New York: Oxford University Press

Yrjänäinen, J. L., Suomala, P., Laine, T. Mitchell, F. (2018). *Interventionist management accounting research*. New York: Routledge.

Waal, C. (2007). *Sobre o pragmatismo*. São Paulo: Edições Loyola.

Winter, S. (2013). Habit, deliberation, and action: Strengthening the microfoundations of routines and capabilities. *Academy of Management Perspectives*, 27(2): 120-137